

"As escolas têm que oferecer a segurança para os alunos"

MARIA DAS NEVES, MORADORA



papo reto

A polêmica questão do bullying na escola

Opinião dos são remanos sobre o tema é dividida; caso mais grave é relatado por mãe de aluno

Gabriel Roca
Felipe Gomes Ruiz

De acordo com a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, em pesquisa sobre bullying escolar, 70% dos estudantes responderam ter presenciado cenas de agressões entre colegas. Sabendo disso, o NJSR foi à comunidade saber o que os moradores acham sobre esse tema polêmico.

Muitas pessoas na São Remo consideram que a maior responsabilidade pelos casos de agressões físicas e psicológicas é dos colégios. "As escolas têm que oferecer a segurança para os alunos", disse Maria das Neves.

A garota Thalita, que possui 13 anos e frequenta a escola, disse já ter presenciado cenas de bullying. "Tenho um amigo que é emo e apanha todos os dias dos meninos", conta a jovem. Na opinião dela, a forma de acabar com essas



ALBERTO BENETT

atitudes é a suspensão dos agressores por parte do colégio.

Para algumas pessoas entrevistadas, porém, o assunto não é tão relevante. A brincadeira não jus-

tificaria posteriores revoltas por parte da pessoa que é perseguida. "Todo mundo é zuado na escola. O cara que não aguenta que é ca-beça fraca", concordaram alguns

garotos e uma menina em uma roda de conversas.

Entretanto, um caso mais grave foi denunciado por Débora Sílvia, mãe de um menino de sete anos. Seu filho, segundo ela, sofre constantes agressões na escola Clorinda Danti, onde estuda. Ela relatou que o garoto levou uma tesourada no rosto, foi empurrado da escada, o que lhe rendeu hematomas, é constantemente ofendido pelos colegas e já se recusou a ir para a escola durante uma semana. As providências tomadas pelos encarregados, segundo a mãe, são apenas bilhetes nas agendas dos agressores, o que pouco, ou nada, resolve o problema de seu filho.

Procurada, a coordenação da E.E. Clorinda Danti informou não poder dar entrevistas sem a autorização da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Até o fechamento da edição, não foi possível o contato com a secretaria.

Especialista em comportamento escolar discute bullying

Gabriel Roca
Felipe Gomes Ruiz

O NJSR conversou com Maria Isabel da Silva Leme, professora do Instituto de Psicologia da USP, sobre esse problema.

NJSR: Qual a diferença entre o bullying e outras formas de violência escolar?

Maria Isabel da Silva Leme: Ele tem um caráter repetido: a vítima é ridicularizada ou provoca-

da sempre pela mesma pessoa e o motivo é fútil. Os agressores buscam se afirmar corajosos e temíveis perante o grupo. Em geral a caçoada é sobre alguma característica da vítima.

Essa é uma questão que merece toda a atenção que recebe?

A mídia está considerando como bullying todas as violências escolares. Fico com medo desta super-exposição, porque pode banalizar um problema sério.

A vítima do bullying tem a quem recorrer?

Sim. Aos professores, à direção da escola e aos pais. O problema é que muitas das vítimas sentem vergonha de não conseguirem se defender e se tornam cúmplices dos seus agressores.

Como os professores podem perceber o limite entre brincadeira e perseguição?

O professor deve ficar atento. Observar se as caçoadas se repe-

tem e como a vítima reage: se ela fica quieta, não ri, nem adere à brincadeira ou se reage irritada.

Na sua opinião, o que pode amenizar esse tipo de violência?

Um ambiente escolar cooperativo e respeitoso contribui muito para que este tipo de prática não ocorra. Já uma escola em que as pessoas são tratadas com desrespeito, em que a competição é incentivada, o bullying tem maiores chances de ocorrer.